



Desejo de Eternidade

RONILSON LOPES



2020



Desejo de Eternidade

RONILSON LOPES



2020

2020 by Editora e-Publicar
Copyright © Editora e-Publicar
Copyright do Texto © 2020 Os autores
Copyright da Edição © 2020 Editora
e-Publicar

Editora Chefe

Patrícia Gonçalves de Freitas

Editor

Roger Goulart Mello

Diagramação

Roger Goulart Mello

Capa

Nilton Azevedo de Oliveira Neto

Foto de capa

Ronilson de Sousa Lopes

Revisão

Nayra Magens Gomes e Iná Isabel Rafael

Todo o conteúdo deste livro, dados, informações e correções são de responsabilidade exclusiva dos autores. O download e compartilhamento da obra são permitidos desde que os créditos sejam devidamente atribuídos aos autores.

A Editora e-Publicar não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

L864d Lopes, Ronilson de Sousa, 1980-
Desejo de eternidade [recurso eletrônico] / Ronilson de Sousa
Lopes. – Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-87207-49-0

1. Literatura brasileira – Poesia. I. Título.

CDD B869.1

Elaborado por Ana Carolina Silva de Souza Jorge – CRB6/2610

Editora e-Publicar
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
contato@editorapublicar.com.br
www.editorapublicar.com.br



2020

Sumário

PREFÁCIO.....	9
DIVAGAÇÕES INDEFINIDAS.....	8
O AMIGO.....	11
COLA, CARINHO E BARBANTE.....	13
A JANELA.....	14
O VASO.....	16
O SÁBIO.....	18
O TEMPO.....	21
BARGANHA.....	23
METAMORFOSE.....	25
ASAS.....	29
FINITUDE.....	34
SILÊNCIO.....	35
SOBRE O AUTOR.....	36

PREFÁCIO

Ao receber o manuscrito do amigo Ronilson, pensei que conhecia a profundidade do pensamento do maranhense, criado em Tocantins, que passou por Brasília, Minas Gerais, que esteve no Rio Grande do Sul e, agora, está no apaixonante Estado do Amazonas. Antes de se tornar o escritor que é, sempre foi grande leitor, crítico sagaz e incentivador da descoberta literária. Os bem vividos anos na vida religiosa fez com que conhecesse um sonhador, guerreiro, que mostrou que muitas coisas são possíveis quando o ser humano acredita nele mesmo.

O livro *Desejo de Eternidade* é uma metáfora da condição humana, abalada pelo desejo do infinito diante da efêmera existência. Um enredo com poucos personagens, porém revela a magnitude das questões humanas universais. A linguagem simbólica do livro, desde os nomes até os eventos que a nossa imaginação consegue alcançar, aflora, de maneira leve, grandes questões existenciais presentes na mente daqueles que se colocam de forma séria no turbilhão da vida. Um livro para ser revisitado sempre à medida em que a vida passa, a fim de fixar o olhar sobre a realidade muda.

O autor divide o livro em títulos cujo conteúdo refaz a percepção do leitor sobre os temas. Uma narrativa se coaduna a outra, convidando o leitor para adentrar a narrativa, ou seja, podemos nos enxergar ou trazer de forma concreta as questões abordadas. Filosofia, ciência e poesia encontram-se para falar da condição humana, o que faz com que não queiramos parar de ler o livro. Para professores de filosofia, como eu, vejo nessa obra um instrumento didático e interdisciplinar, capaz de auxiliar e movimentar o debate dentro de sala de aula, além de ser um bom incentivo à produção de textos reflexivos.

Tenho muito o que falar de *Desejo de Eternidade*, mas não vou me adiantar nessa introdução, uma vez que o livro faz surgir várias percepções e corro o risco de desvelar inconfidências e espichar percepções além do necessário. Também não sei se conseguirei, de agora em diante, continuar escrevendo minhas intuições filosóficas e literárias da mesma maneira, uma vez que o autor inaugura um grande estilo que vale a pena ser aprofundado. Porém, tenho convicção de que depois do *Desejo de Eternidade*, terei que cair mais uma vez dentro de mim mesmo a fim de saborear a efêmera existência.

Oziel da Rocha
Professor de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio,
Mestrando em Filosofia pela UFU-MG.

Patos de Minas – MG, julho de 2020.

DIVAGAÇÕES INDEFINIDAS

De repente as pernas fraquejaram, tornaram-se bambas, como quando se está embriagado. O andar ficou incerto, cambaleou-se, perdeu-se o rumo, como se o chão, num instante, se tornasse plástico, fugidio.

Como num ir e vir que vem e vai, feito onda que embrulha o estômago e embaralha as vistas de quem olha as águas do mar imenso pela primeira vez, e enjoado não mira com segurança da terra e se faz vê tudo desfocado.

Girou-se devagar sobre si mesmo, sentou-se na grama, levantou-se, e, novamente voltou a vagar sem destino, sem rumo certo, no lugar mais certo que havia, no mesmo que um dia fora, porém, agora estranho. Talvez, não para si mesmo, mas para quem o via, como espectador e que, na verdade, sentia, quem sabe: dor... Insegurança... Alegria ou tristeza! como é costume de quem sente, numa certa interpretação.

Percebia-se que o coração se apressou, visto que a língua se esticou para fora na bocarra arreganhada. A língua que outrora se lambia, agora, até mesmo o lambar-se, atividade tão doce ou salgada, sabe-se lá, no entanto tão necessária, perdeu-se a vontade e o gosto completamente.

Notava-se que tudo se passava em uma espécie de tarde clara com um sol meio líquido. E que num instante comprimia-se de leve como se tudo se passasse em um pequeno mundo, de certo, aconchegante, mas, aos poucos se esvaia o ar, como se fosse uma pequena bolha de sabão.

Os sentimentos ficavam remexidos, desnotificados por qualquer definição de bem, de mal, de ódio ou amor, era apenas um sentir embaraçoso... e, juntamente com o mundo, aquele pequeno lugar, diluiu-se aos olhos da pele, perdeu o foco.

Caiu.

Por fim, em nada mais se podia apegar-se, prender-se às forças físicas, aos sonhos, às utopias e até mesmo às doces ilusões. Não tinha fé, nem mesmo esperanças, ainda estava aquém deste tempo de sentimentalismos incertos, apenas quem olhava e inquietava-se, em vão. Inspirou-se, e enfim... Acordou chorando.

O CUIDADO

Bensta acordou atordoada, ao ouvir o barulho, como quase sempre o fizera nos últimos três meses, levantou-se da cama de um salto e correu o mais depressa que pode em direção à porta, esquecendo até mesmo de pôr os chinelos.

Abriu a porta num safanão, e de igual modo a outra em frente, após o corredor, e sem pensar, saltou sobre ele. Um menino lívido, de olhos grandes cor de lua. Seu corpo franzino tentado afirmar-se sobre a cama. A mãe, de rosto pálido e choroso. Aflita, suas mãos, seus olhos, quiseram saber. Sentir, entender... O que havia acontecido?

- A morte!
- O fenecer?
- Sim, mamãe, eu sonhei com o não ser de meu amigo Acair.
- Não. Disseela. –Foi só uma descarga onírica indesejável!
- Mas... Ele vai findar-se, não vai mamãe?
- Não, pequeno, não vai acabar.
- Então, viverá perpetuamente?
- A minha pronúncia quis significar que ele, não vai morrer agora.
- Ele não mais será um dia?
- Talvez, quando for o tempo...
- Pode-se afirmar que o seu biológico não cumpre mais o seu *telos*¹ assim como o meu?
- Querido tu não... Foi somente um sonho ruim, mamãe está aqui. Contigo!
- Para que nada te aconteças de indesejável. Mesmo porque, como diria Schopenhauer, de nada serve ter medo do não ser se não o temos de quando ainda não éramos.

¹ Fim último das coisas.

– Eu bem sei, mamãe!

E pondo a cabeça no regaço de sua genitora, como a presenteá-la toda sua cefaleia, adormeceu por longas horas. Até o momento em que sua mãe, Bensta, o despertou para o medicamento. Ela era muito devotada ao filho, não sei se por amor ou por culpa, ou por qualquer pensamento que ele morresse ainda no ventre após a separação. E agora vê-lo assim, fraco, sem qualquer ânimo, seria um castigo?

O AMIGO

Ao raiar do dia, antes mesmo de tomar café, o pequeno infante, Victor, quis ver o seu amigo Acair. Ele queria ter certeza de que a criatura estava viva e em plenas atividades bio-psíquicas.

Porém, o danado não só estava vivo, como estava hilariante. Saltitando entre os brinquedos que Bensta apanhara e pusera ali mesmo na cozinha. Não era de praxe do filho brincar ali, mesmo assim a mãe o permitira porque queria aproveitar os momentos com o filho de forma intensa.

Acair não parava, corria de um lado para o outro ao saudar o amigo, se jogando ao colo, afagando seu rosto com a própria língua. Depois corria novamente, e à distância grunhia, como quem diz: – Vamos brincar? – Manda-me a bola para que eu lhe traga de volta. E Victor a lançava longe, no que o serzinho lhe apanhava imediatamente, com ferocidade, comprimindo-a nas pequenas presas.

Depois vinha ligeiro e se enroscava nas pernas do menino, seu pelo era sedoso, amarelo cor de abóbora ou raio de sol, dava uma sensação boa só de se tocar, acariciar, e era macio de dar gosto.

No entanto, mais uma vez o menino quis saber, todo cheio de preocupações, para onde haveria de ir o amiguinho quando morresse? Logo ele, que era seu melhor amigo e que tanto amava.

– Deve ir para o céu junto de Deus, respondeu a mãe entristecida só de ver o menino naquela aflição.

– E onde fica o céu? Indagou novamente a criança.

– O céu! Fica lá no alto, nas estrelas, disse a mãe.

– É mesmo? Interrogou o menino. E continuou.



– Sendo assim, irei construir algo que me permita visitá-lo quando ele residir lá, a senhora e papai me ajudam a fazer?

– Claro, filho.

Então a mãe ligou para o pai de Victor a fim de que viesse, para que juntos construíssem o referido objeto que o garoto estava imaginando, na intenção de ir visitar o seu bichinho de estimação, o cachorro Acair, quando esse passasse para o absoluto, o outro lado da vida. Todavia, que construção será essa? E será mesmo que cumprirá o objetivo que seu construtor almeja?

COLA, CARINHO E BARBANTE

No outro dia, quando Victor despertou e abriu os olhos, teve uma surpresa que, de tanto contentamento em seu coração, nem podia acreditar; seu pai estava acariciando seu rosto. Victor meio que sorriu, e ficou sem saber, por um instante, se lhe pulava ao colo ou se ficava triste, por fim disse: – Tchau, papai!

– Como tchau? Eu acabei de chegar.

– É que sempre parece que o senhor está indo embora, respondeu o menino, agora sem esconder o contentamento desmedido. Como quem diz sem dizer nada, apenas com um olhar: que bom que veio, papai.

A mãe, que estava ao lado, exclamou: – Filho, o papai veio para te ver e também para ajudá-lo a construir o invento que você tanto deseja. E realmente o menino não parava de falar a todo momento nesse assunto.

Desta maneira, após a refeição matinal, lá se foram eles, os três para o sonho. Não era costume de os pais fazerem isso, no entanto, era extremamente necessário, mesmo porque a psicóloga Winnicottiana, amiga da família, os havia aconselhado. “Vocês devem promover um ambiente facilitador para esta criança”. E os pais pensaram que a ocasião seria propícia para começarem.

O pai trouxera a madeira de serragem, a mãe trouxe a planta que havia pesquisado na *internet* ainda na noite anterior, a qual explicava passo a passo como proceder na execução da relativa atividade. O pequeno, por sua vez, trouxe consigo bastante barbante e cola para fixar as partes de seu sonho.

Os pais deram ao menino os papéis para que lesse e seguisse as instruções, e, com elas ele pode, com o auxílio dos pais, serrar duas tábuas de três metros e meio e sete de um metro, em seguida emparelhar as maiores e depois colocar sobre elas as menores para que fossem apoiadas de travessa nas maiores e mais resistentes. Em seguida, as amarraram bem apertado passando cola e fixando com barbante, com carinho, uma por uma, e o que era tão frágil se tornou forte.

Quando Victor juntou as tabuinhas, elas formaram uma linda escada do tamanho do seu devaneio, que para medir seria necessário usar a infinitesimal Newtoniana, com ela, pensava ele em seus desejos: “irei ao céu”. Porém, não sabia ele que sua utopia poderia se tornar, ao invés de trampolim de realização, um terrível pesadelo.

A JANELA

Nem todo sonho feliz se eterniza, já dizia o poeta.

Mas é assim mesmo, pelo menos às vezes isso acontece com grande probabilidade. Quem iria imaginar por algum instante que com aquela escada o menino iria subir, ao invés do céu, na janela?

Dona Bensta tinha que preparar o almoço. Ela mesma decidira cozinhar para o filho nas últimas semanas. Dessa maneira, a funcionária poderia tirar suas férias, e além do mais ela aproveitaria para passar mais tempo com o pequeno. Enquanto cozia, trouxera-o para um espaço aonde brincar debaixo de suas vistas. Apanhara os carrinhos e os jogos de montar e tudo o mais. Mas por um instante distraiu-se pensando na vida que levava enquanto descascava cebolas.

(...)

Na casa havia um escritório, cujo dono era seu ex-marido, pai de Victor, e estava localizado no andar de cima e onde se poderia encontrar uma foto do antigo usuário. Além disso, apenas as paredes, que por sinal estavam um pouco desgastadas, o que tinha de bonito mesmo era uma grande janela, dela se poderia ver o sol ou até mesmo as estrelas.

Até aí tudo bem, mas de repente: ouviu-se um grito!

A mãe correu.

O menino havia levado a escada para o escritório do pai e, ao ver a janela linda, atraente e escancarada – pois a mãe havia aberto a mesma cedo para que entrasse o vento e depois as arestas do sol da manhã – a criança pusera a escada e subira por ela para ver o céu. Não era um céu qualquer, mas aquele que, quando se olha com os olhos de uma criança, com toda certeza se pode ser mais, se pode contemplar o rosto do Criador, do Onipotente, do Amoroso ser que nos chama para os seus infinitos braços calorosos e nos torna infinitos com o seu infinito...

Porém, quando o céu se aproxima, o diabo cresce as vistas. Pois quando a mãe Bensta subiu as escadas na maior pressa, no que abriu a porta, meu Deus, já era tarde, o pequenininho caíra das alturas. E agora! Pensou ela desesperada, “meu filhinho

morreu... Meu Deus, meu filhinho morreu...”. Essa é a tristeza frustrante frente à espera inexorável dos finitos: a morte! Doce, cálida, temida, certa, a ela ninguém pode se furtar. Mas será mesmo que ele morreu

O VASO

– O menino morreu?

– Não! Não foi isso. Ele caíra, porém, para dentro, nos limites estreitos da existência. Todavia, ao cair, machucara fortemente os pés, como o borro frágil e ríspido que se debruça fortemente sobre o metal frio e duro.

(Riste)

Com um vaso que se despedaça e deixa a planta de seu interior se machucar.

A mãe, num ato de irreflexão, quebrou a escada e a atirou janela afora. Restando dela, do que fora, somente um pequeno barbante. E o menino, mesmo arrastando, o apanhou, apertando-o nas mãozinhas como quem guarda um segredo, um relicário, entristecido não mais chorou.

(...)

Por dias inteiros, não mais falou. A mãe, ao ver aquele entristecido semblante do guri, catou de volta os pedaços, frangalhos, retalhos de sonho, mas a escada não mais se estruturou. Ficou num canto quebrada, e o garoto não quis mais saber de brincar com ela, porém, guardara o barbante junto aos brinquedos, amarrado a um carrinho que ganhara do pai.

Mas a mãe se arrependera logo de ter quebrado a escada do menino, sua consciência doía feito um bife amaciado, em seus pensamentos se martirizava por ter de certa maneira se vingado do próprio filho, quando deveria apenas protegê-lo e amá-lo. “Não sou uma boa mãe”, pensou.

E procurava um momento para corrigir o que havia feito, mas tinha medo de não ser perdoada, de não mais ser amada, de que a ferida que tinha causado não fosse tão fácil de cicatrizar, pois sabia que embora as feridas saem, as cicatrizes são irreparáveis, principalmente as da alma, com elas apenas se aprende a conviver.

À tarde, a mãe chegou junto ao menino, os dois se olharam profundamente:

– Bensta (...)

– Victor (...)

O menino a mãe abraçou, e disse: – Perdoa-me, mamãe, por eu ter quebrado o seu vaso de planta. – Perdoo-te, disse ela, se tu me perdoares por ter quebrado e atirado fora a sua escada que fizeste com tanto carinho e dedicação.

– Perdoo, murmuraram.

Naquela noite os dois adormeceram somente após terem colado pedacinho por pedacinho o vaso que havia se rompido, e apesar das rachaduras coladas, o puseram no mesmo lugar. Plantaram uma roseira e fizeram o propósito de todos os dias a regarem. Agora eles só tinham que esperar o tempo, inquietos em seus corações que se perguntavam: será que essa roseira vai crescer e desabrochar?

O SÁBIO

Em certa manhã, o menino amanheceu bem mais disposto que o de costume. Por isso insistia com sua mãe para que o levasse ao jardim, visto que queria ver as rosas vermelhas que naquela estação deveriam estar desabrochando. Bem como poderiam levar junto com eles Acair.

Porém, o pai, que havia chegado ainda cedo para visitar o filho, antes mesmo de o menino acordar, achou melhor que a mãe descansasse. Por isso sugeriu que Victor convidasse Marília, que era amiga dele, para que juntos pudessem conhecer o pomar.

Eles foram contentes, curiosos, não perdiam um só detalhe de tudo que se podiam conhecer. Alegres com a possibilidade da descoberta, da aventura que enche o coração de prazer e satisfação.

Porém, não encontraram nenhuma rosa que estivesse desabrochada, apenas uns pequenos botões, quem sabe daquela data em diante não tardaria para abrir suas lindas pétalas.

No entanto, eles aproveitaram para lançar mais sementes daquela espécie de plantas que Victor tanto gostava, as quais pensavam em suas cabecinhas que, quando fosse tempo, as colheriam juntos.

Eles brincaram, por horas e horas, como nunca haviam feito antes, era como se agora fosse mais gostoso descobrir. Victor até esqueceu que tinha machucado os pés. Eles se olhavam como se nunca mais fossem se ver, como se a vida fosse um morrer constante.

Quando Marília, sua amiga, estava para ir embora, aconteceu algo inesperado. Acair começou a ladrar ferozmente. Os meninos correram para ver, nNo que se depararam com um grilo azul, o qual tinha olhos grandes e em seu casco havia doze asas . E Victor quis saber do inseto:

- Como você se chama?
- Esperanza, o ancião das tribos antigas, respondeu ele.

E se tornaram amigos como se Esperanza fosse uma chama de seu coração sonhador.

Aquele serzinho era sábio, dizia-lhes coisas belas, tais como: que não morre quem planta flores, pois quando elas nascem quem as planta renasce novamente. Essas coisas

que só entende quem, ao invés de ler frases ou palavras, lê os símbolos que os deuses anunciam no coração.

Mas, como a hora já era adiantada, Vitor e Marília tinham de ir. O que Esperanza disse: –Vão, amigos, o corpo precisa descansar.Porém os dois, no fundo, não queriam ir e deixar o amigo. Por isso Victor expressou que quando fechamos os olhos não vemos mais quem nos é querido.

– Amanhã você há de me encontrar!

– Onde?

– Ah, eu sempre estou aqui, junto às belezas...

Quando Victor ia partir juntamente com a menina, Esperanza lhe disse, amanhã, quando retornar, eu quero contar-te um segredo.

– Que segredo? Indagou o menino cheio de curiosidade.

– Ora, o meu!

Assim, o menino, encheu-se de curiosidade para saber qual o segredo de Esperanza. No entanto, antes dele contar o menino quis saber, após revelar-lhes seus medos, entre eles o de pressentir que o cachorro Acair poderia ir para outra dimensão, e se isso realmente acontecesse queria muito ir visitá-lo. Porém não sabia como. Por isso interrogava:

– É possível ir ao céu?

– Claro! Respondeu o grilo sábio.

– Como sabes, disse o garoto.

– Ora, eu sempre vejo o céu, é belo!

– Então o conheces?

– Lembre-se sempre, sou Esperanza.

Enquanto dialogavam sobre estas elucubrações do espírito, impaciente Acair sub-repticiamente atacou o Esperanza arrancando-lhe duas de suas asas e o ferindo gravemente a ponto de o deixar meio desmaiado.

Victor repreendeu fortemente o animal e mais que ligeiro socorreu o amigo. Esperanza fechou os olhos ao dizer: não tenham medo, a gente fecha os olhos é certamente para suprir a necessidade de nossa alma contemplar outras belezas, as eternas... e despertando as mãos do garoto, adormeceu.



Esperanza pode partir, porém em seu lugar restará apenas o adeus, cogitavam. E Victor se entristeceu, e no seu coraçãozinho repleto de compaixão, pensava ser possível o amor não vencer o Adeus!?

Ambos não queriam perder o seu novo amiguinho, iriam sentir muita falta, um buraco no coração, e eles sabiam bem a dor que se sente quando perde algo de que gosta, por isso tiveram uma grande ideia para vencer o Adeus.

Ao retornarem para casa, deixaram-no descansando sobre um galho verde de amora, o qual ficava rente à vidraça do garoto, de modo que quando esse acordasse e olhasse pela sua própria janela, poderia ver Esperanza.

O TEMPO

No dia seguinte, quando Victor acordou, sua amiga já estava à porta. Viera para ajudá-lo a construir o que havia pensado no dia anterior quando passeavam no jardim e encontraram o grilo azul.

Mas o que pensavam eles em construir? Qual era a brilhante ideia que não permitiria que seu novo amigo não viesse, para sempre, a fenecer? Será que eles irão conseguir pôr em prática tal ideia e será que irá funcionar?

Ora, os dois pensavam que deveriam construir um relógio, mas não um relógio qualquer, um relógio que, ao invés de ser direcionado pelo tempo, o comandasse. Assim, quando chegasse o termino da construção, eles corrigiriam o tempo novamente, e ele voltaria a viver, e desta maneira, eles brincariam o que tinham brincado tudo de novo, e a vida seria um eterno recomeço.

Victor encontrou numa enciclopédia de seu pai uma página que falava muitas coisas sobre relógios. Quanto à menina, ela trouxe uma caixa com muitos guardados. Em seguida, os dois cortaram os papéis necessários para os ponteiros, para os números das indicações das horas, e com cuidado colocaram tudo direitinho sobre a pequena caixinha. Mas o tempo passa.

O tempo passa passo-a-passo

Passando apressado

Passo a passos!

No passo apressado do tempo

(...)

Passo.

Acontece que eles não podiam prever que o seu amigo era muito frágil, e desse modo, antes mesmo de o aparelho ser concluído, morre Esperanza. Lamentável como quando se perde o desejo de viver.

Chorosos levaram-no novamente para o barro para enterrá-lo. Acair se aproximava querendo devorá-lo, ainda conseguiu comer uma das asas, mas o menino o repreendeu. Nisso surgiu um grilo azul, e apanhou o corpo do grilo sábio, bem na hora que Victor repreendia o cachorro com medo de que ele o devorasse.

– Será que ele ainda está aqui? Disse o grilo.

- Quem é você?
- Sou Esperanza!
- Como Esperanza?

– Sempre tem uma Esperanza voando por aí. E acrescentou: O tempo, não é possível compreender seus mistérios, seu silêncio; dele somos eternos prisioneiros, todavia, seremos sempre inquietos, questionadores, porque no fundo de nossa alma, queremos burlar o finito, visto que temos ânsia de eternidade, não após a morte, mas aqui e agora, vivemos sempre querendo eternizar os momentos porque somos desejosos de infinitos, prenhes de transcendência. E se foi para o horizonte.

BARGANHA

– Como salvar o amigo?

Esta era uma interrogação que não saía da cabeça do menino, martelando-lhe o crânio como se houvesse caído sobre ele uma bigorna. Foi aí que lembrou de um objeto muito relevante que adquirira há algum tempo e que guardava dentro de uma caixa onde punha os brinquedos.

O referido objeto, neste novo contexto, tornava-se uma possibilidade muito interessante, quem sabe um possível resgate de Esperanza? O garoto o trazia sempre à mão, debaixo dos olhos. Apenas Marília soubera a ideia, mágica, criativa, redentora...e agora? Há como era belo! Brilhante! Precioso! Poderoso? (...) com ele, certamente, poderia realizar visualizações, paixões...

Tal possuído com toda certeza é aquilo com o qual se pode obter tudo, ou pelo menos, se crê, e isso era o que cria o pequeno, por isso mesmo resolveu não mais perder tempo, ou seja, salvar o amigo. Mas como? Ora, utilizando o poderoso amuleto.

Pensando assim, lá foi ele conversar com Bensta, pondo em suas mãos aquele pedacinho de metal prateado e dizendo que, com ele, pretendia resgatar um amigo que havia perdido que deveria estar no céu e ele queria comprar outra vida, outra existência para ele.

A mãe o fitou, em seguida olhou em suas mãos e viu aquele metal frio, que era nada mais, nada menos que uma ínfima moeda. A mãe achou gozado e ao mesmo tempo sentiu que o filho tinha um grande amor no coração, que sua atitude era nobre, de querer sempre a vida.

– Ora, não se compra Deus, meu querido! Disse ela carinhosamente, quase sussurrando no ouvido do filho, e acrescentou: – Ninguém suborna o absoluto. Nós contamos apenas com o silêncio do mistério.

– Querido, seu amigo vive, apenas não está aqui.

– Como sabe? Quis saber o menino cheio de curiosidade.

– Na sei, só sei que o amor é a ponte que nos une ao infinito. Agora, não se esqueça, o amor nos eterniza no coração de Deus e daqueles que amamos. O amor é o princípio de tudo, e aí de nós se ele não for a última palavra, como deseja nossa crença.



Foi aí que o menino compreendeu que o dinheiro vale muito pouco, embora se possa comprar com ele muitas coisas, porém supérfluas.No entanto, as coisas que realmente importam, ele não as pode comprar, que é o caso da existência.

Mas o garoto não desistia tão fácil, por isso pensou em elaborar um evento que o possibilitasse se comunicar com o seu amigo Esperanza, todavia ainda não sabia bem o quê.

METAMORFOSE

Entre estes dias em que o garoto não sabia ainda o que fazer para rever o grilo sábio, aproveitou para andar pelo jardim e se divertir com o amigo Acair. Num destes dias ele encontrou um serzinho bastante interessante, o qual despertou-lhe a atenção.

Como quase sempre, o cachorro começou a latir como se estivesse vendo algum fantasma, despertando assim a curiosidade do menino que logo correu para ver o porquê ele estava a latir.

Era uma lagarta, mas não uma lagarta comum, visto que esta não se constituía como as outras, já que era de barro.

– Oi! Disse o menino.

– Oi, respondeu o inseto borro, incetobarreando-lhe as mãos, visto que o menino lhe apanhara.

– Quem é você? Indagou o garoto.

– Estou sem saber, disse ela.

– Como assim!

– Ninguém te contou?

– Não. Há muito tempo, o lago refletiu em si meu rosto, porém, fiquei sem uma de minhas patas, derreteu-se nas suas águas.

– Que chato.

– Chato mesmo, logo eu que o amava... Depois disso ela acrescentou: – Você tem olhos bonitos, iluminados, neles eu me vejo.

– Quer dizer que podes se reconhecer nos meus olhos?

– Claro! Desde que eles não me absorvam com suas lágrimas.

– Mas se eu chorar? Saiba que às vezes eu choro.

– Eu sei, é bom chorar de quando em vez, o que não se é bom é chorar sempre, senão se vira um riacho que arrasta a todos nas suas correntezas. Mas não se preocupe, te darei motivos bons para que sejas feliz do tanto bastante.

– Por que você é de barro?

– Há não! Eu não sou de barro, estou de barro.

– Como assim, está de barro?

– É que nem sempre fui assim, de barro. O criador, fez-me de argila e me soprou a essência do amor, porém um amor incompleto, uma parte, para que no outro eu me completasse, no entanto, eu pouco amei, por isso nunca me completei, nunca me tornei de fato um ser de amor, apenas um ser de lama.

– Qual o teu nome, perguntou o menino.

– Regina.

– E o teu?

– Victor!

Nisto os olhos do menino se encheram de ternura, de ágape, pela lagarta que se tornou uma borboleta linda de asas castanhas. Que voou e pousou em sua face.

– Agora você não é mais uma lagarta! Mas,

– Borboleta!

– Sim, o teu carinho despertou-me, bem como o meu afeto por ti que nasceu no momento anterior. Mas agora eu tenho que voar.

– Ah, quer dizer que o amor nos dá asas para voar?

– Sim, é o amor, que é condição de possibilidade, da liberdade para aqueles que desejam voar. Quero dizer que, se o voo é a efetivação da liberdade, o amor é a condição desta se efetivar. Entretanto, quando se parte, deixa-se aqueles a quem amamos, visto que quando estamos lá, não podemos estar cá, da mesma maneira, que quando estamos cá não podemos estar lá. E isso dói. Eu me lembro, pois já perdi um amigo.

– Victor falava dessas coisas como se fosse gente grande.

O que a borboleta disse: – Na verdade, nós nunca abandonamos aqueles a quem amamos!

– Como assim, não compreendo, esclareça-me, por favor?

– Ora, o amado permanece em quem o ama, no coração, ainda que se vá. E para que não me esqueças quero que fique com esta lembrança. E a lagarta pôs em sua mão esquerda uma aliança de cristal.

E o menino exclamou: – Mas ela é muito frágil?

Ela respondeu: – É uma lembrança.

– E borboleteou.

O menino não sabia, mas é como se ele estivesse vivendo a narrativa de um poema que sua mãe havia recitado uma vez, e que agora recordava, cuja prescrição era de um final não muito feliz:

QUANDO UM GRANDE AMOR CHEGA AO FIM

A lua tem brilho
canta o andarilho
 nas ruas
a amante suspira
nas janelas
 de contentamento
e a linha do horizonte
nas mãos no olhar
 puro gozo
Tudo é amor
tudo é sabor
tudo é sonho...

(...)

Mas, de repente!
A vida conspira
e o amor se esvai.

A lua perde o brilho,
tropeça o andarilho
nas pedras.

A amante soluça,
sobre o desespero
debruçada.



Não há mais horizonte,
tudo ficou
tudo foi ontem.

Tudo é tristeza,
tudo é sem sabor,
tudo é desilusão.

A gente sabe,
como é ruim,
quando um grande amor chega ao fim.

No entanto ele descobrira agora que sempre é possível ter esperanças e que o amor é a essência da vida.

O fato de ter conhecido está borboleta o inspirou a elaborar o seu mais novo projeto.

– Sumiu!

As lágrimas vieram. Molharam o rosto. Os olhos buscavam as estrelas, o infinito. Esperar um retorno, impossível.

Todavia, com a linha na mão ele contemplava a janela aberta, visto que a linha da pandorga havia enroscado na mesma e a levado consigo, agora era uma janela aberta como se dissesse sem dizer que não há nenhuma porta que nos separa do abismo.

Noites e noites ele corria à janela, esperava, em vão. Segurando o rolo de barbante, um restinho de linha presa no carretel, com ela só se poderia abarcar um pedacinho do finito. Uma pena de pássaro que não podia mais voar.

Mesmo assim, no fundo ele acreditava que, como que por encanto, talvez o vento a trouxesse. E por vezes, chegava a pensar, será que não foi realmente o meu amigo que a apanhou lá no alto, e agora está com ela?

Bem que poderia ser! Pensava por vezes.

Bobagens! Pensava por outras.

Não sabia ele que sua pandorga estava mais perto do que ele imaginava. Mas como se poderia imaginar?

Dessa maneira, uma manhã qualquer a campainha soou, e quando abriu a porta, surpresa:

A pandorga!

Escrito bem grande: ESPERANÇA!

Tinha um cheiro gostoso, tal qual o de Marília, a menina de cabelos castanhos e sedosos que revoavam como o farfar das assas das borboletas. Este foi um segredo que a garota, sua amiga, nunca lhe revelou. O certo é que, no dia seguinte, lá vem ela cobrando um convite para que brincassem com a pipa no jardim.

Quando Victor a viu, que sentiu seu a fragrância doce e suave, disse, creio que o céu tem este teu mesmo cheiro. E deu-lhe um beijo.

O menino brincava, porém, a pergunta nunca saía de sua razão: Para onde a Esperanza iria? Deveria de ir para o céu. Foi aí que o Victor teve outra ideia, pensou ele: se os que amamos se mudam, nós deveríamos dar um jeito de vez em quando de ir visitá-los, mas se as escadas nem sempre funcionam, e as linhas das pandorgas não são suficientes para nos conectar, pelos menos poder-se-ia vê-los, contemplá-los ao menos

de longe. E pensou em construir um objeto que pudesse fazer com que ele visse o amigo em sua nova morada, mas qual seria?

AS ESTRELAS

Agora Victor sonhava em construir um telescópio para ver aqueles que ele amava andando pelos jardins do céu. Esperou por longas semanas. Ele mesmo pesquisou como construí-lo da melhor maneira possível. Juntou as moedinhas que ganhara em um certo Natal e somou-as com a mesada, pediu ajuda ao pai até conseguir tudo, o necessário para comprar todos os materiais.

Quando comprados, convidou sua amiga Marília para auxiliá-lo. Seu pai e sua mãe lhes deram suporte em tudo, e quando questionavam, para que queres um telescópio? Ele respondia: – Para ver a Esperanza lá no céu.

Após o objeto concluído e colocado no quarto do menino, o qual ficava no andar de baixo da casa, o garoto o apontou em direção ao céu, através da sua janela, depois olhou, mirou, ele queria ver o céu, não este, mas aquele, o céu da Esperanza, porém só avistou as estrelas. Victor ficou triste, como ele e sua amiga poderiam ver Esperanza! Sua mãe, percebendo-o assim, disse numa tentativa de consolá-lo:

– Porque estás triste?

– É que não vejo o céu, eu queria vê-lo!

– Ah não! Não se pode ver o céu com estes olhos que olhas agora, mas apenas com os olhos do coração. Então, Victor apontou o telescópio para as estrelas e seus olhos ficaram repletos de beleza.

Depois o menino avistou uma linda estrela e disse:

– Aquela estrela é a mais linda que eu já vi, por isso eu vou dar o nome a ela da pessoa que eu mais gosto, e a mãe quis saber quem era. E o menino apontou o telescópio em direção ao quarto de sua amiguinha, a qual estava na janela a olhar para ele, e ele disse:

– Ela se chamará Marília.

Tudo estava tão belo, parecia que ele tinha visto mesmo Esperanza, ou senão que iria encontrá-la em breve, mas será mesmo? Bem que se diz que para ver o céu é preciso ver o outro com os olhos de compaixão, de ternura, que só quem ama profundamente pode ver.

Daquele dia em diante o menino voltou a brincar com o cachorrinho Acair, com a leve certeza que, se ele morresse ele iria vê-lo. Sua mãe estava feliz por demais ao ver o

filho contente, e perguntou a ele o que tinha visto, e ele dizia: – Vi as estrelas e descobri que quando somos capazes de amar de verdade, e só quando aprendermos, estamos preparados para efetuar nossa mais bela viagem, para a eternidade.

FINITUDE

Agora ele queria escrever um poema, um salmo, quem sabe? Algo que descrevesse a eternidade, onde os corpos vivessem para sempre, tranquilos em profunda paz do amorosíssimo criador.

Escreveu: Querida Marília,
Nada mais sublime, mais doce
Do que passear nos jardins contigo
(...)
Colher as rosas vermelhas
Para enfeitar a existência.
Amo-te!

Victor.

Embora não compreendesse o porquê de sua alma meditativa ter tamanha necessidade de transbordar-se num papel, talvez porque as elucubrações racionais do espírito sejam a única tentativa de juntar o princípio e a escatologia no momento presente da existência.

Quando eu morrer quero o infinito
Unicamente se ele tiver o gosto
Do teu beijo.

Se houver o teu silêncio...
Na paz serena do teu olhar.

Quando morreremos seremos uno
Com todo o infinito,
Seremos o não ser com o não Ser
No lócus não existente do Absoluto.

SILÊNCIO

Amanheceu. Domingo de sol claro. O menino correu para o pátio juntamente com seu amigo Acair. As gargalhadas fizeram-se se ouvir, os latidos fizeram se ouvir.

Silêncio...

A mãe correu na janela sem disfarçar a suspeita. Que se comprovou com o desespero: Meu Deus, Meu Deus! Agora ele era apenas um corpo estendido no chão.



SOBRE O AUTOR

RONILSON DE SOUSA LOPES

Nasceu em Carolina – MA, em 09 de junho de 1980. Passou sua infância na cidade de Goiatins, no Estado do Tocantins. cursou Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA, em Belo Horizonte MG (2010), e Tecnologia e Gestão Pública pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA (2015). Possui Pós-Graduação em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Atualmente é professor de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM *Campus Lábrea*. É o autor do Livro ***Contos do meu sertão***, pela Editora o Lutador, do livro de cordel **O Fofoqueiro** e de vários outros folhetins de cordéis.

Contato: lopespav@yahoo.com.br

www.editorapublicar.com.br
contato@editorapublicar.com.br
@epublicar
facebook.com.br/epublicar

RONILSON LOPES

*Desejo
de
Eternidade*



2020

www.editorapublicar.com.br
contato@editorapublicar.com.br
@epublicar
facebook.com.br/epublicar

RONILSON LOPES

*Desejo
de
Eternidade*



2020